



A ERA DAS SUBLEVAÇÕES POPULARES CHEGOU...¹

L'ERE DES SOULEVEMENTS POPULAIRES

Michel Maffesoli*

Professeur Emérite à la Sorbonne

Institut universitaire de France

michelmaffesoli@gmail.com

Tradução:

Carla Lisboa Porto**

Universidade de São Paulo - USP

mrs.lisboa@gmail.com

RESUMO: Publicado originalmente na revista eletrônica *Le Courrier des stratégies*, em 4 de abril deste ano, o texto *A era das sublevações chegou...* escrito por Michel Maffesoli propõe uma reflexão contundente sobre as manifestações populares na França, conhecidas como *Movimento dos gilets jaunes* ocorridas entre outubro de 2018 e março de 2020. O autor discorre sobre sua importância e legitimidade uma vez que essas sublevações evidenciam a crise de representatividade política e, por que não, da própria democracia. Mais do que anunciar “o fim da era das revoluções”, reafirma a importância das ações coletivas nesse contexto e as atualiza para o momento pandêmico que vivemos, e que (infelizmente) não se restringe ao campo da saúde coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestações populares; França; *Movimento dos gilets jaunes*

THE ERA OF POPULAR REVOLTS

¹ O texto original está disponível em: <https://lecourrierdesstrategies.fr/2020/04/04/maffesoli-lere-des-soulevements-populaires-arrive/>. Data da tradução (primeira versão: 17/08/2020, primeira revisão: 24/08/2020)

* O professor Maffesoli é emérito de Sociologia na Université Sorbonne - Paris V, e tem se dedicado, desde seus primeiros trabalhos publicados, na década de 1970, à análise das mudanças que conduzem a sociedade moderna estruturada pela dominação e violência de Estado. Importante referência nos estudos sobre as sociedades pós modernas e responsável pela popularização do conceito de tribos urbanas, também integra o Instituto Universitário da França, dirige o Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano, bem como o Centro de Pesquisas sobre o Imaginário.

** Doutora em História Social pela Universidade Estadual Paulista, ‘Júlio de Mesquita Filho’ – UNESP/Assis; Professora convidada do Centro Universitário Unisagrado e Pós Doutoranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP)

ABSTRACT: Originally published in the electronic magazine *Le Courier des stratèges*, on April 4 of this year, the text *L'Ere Des Soulevements Populaires...* written by Michel Maffesoli proposes a forceful reflection on the popular demonstrations in France, known as the Gilets jaunes movement that occurred between October 2018 and March 2020. The author discusses its importance and legitimacy since these upheavals show the crisis of political representativeness and, why not, of democracy itself. More than announcing “the end of the era of revolutions”, it reaffirms the importance of collective actions in this context and updates them for the pandemic moment we are experiencing, which (unfortunately) is not restricted to the field of collective health.

KEYWORDS: Popular uprisings; France; Movement of Gilets Jaunes

Quem é familiarizado com os passeios nas montanhas não deixa de notar que os belos lagos que pontuam os altos vales alpinos são, certamente, calmos em sua superfície. Mas, suas profundezas são agitadas por um borbulhar constante. De tempos em tempos, aparecem no exterior, sob formas de bolhas gigantes, perturbando a quietude do lago. Bolhas tão súbitas quanto efêmeras. Desaparecem, de fato, para renascer mais tarde, quando esse fenômeno interior se faz novamente presente!

Eis uma imagem que permite compreender as sublevações que atualmente perturbam a vida de nossas sociedades. Com efeito, atuam como bolhas explosivas, destinadas a renovar-se, na medida em que exprimem a agitação, ao mesmo tempo profunda e violenta, que animam uma *sociedade oficial* que não se sente plenamente representada pela *sociedade oficial*, portadora do poder institucional. Daí o ambiente insurrecional característico de todo fim de época.

Em nosso progressismo nativo, nós temos dificuldade em aceitar que as épocas seguem e não se assemelham. Aqueles de espíritos agudos puderam notar, com razão, “o fim da era das revoluções” (Eric Hobsbawm). Se nós sabemos ver com lucidez a arquitetura das sociedades contemporâneas, podemos dizer, com segurança, que nós assistimos ao nascimento da **era das sublevações populares**.

A multiplicação dessas manifestações, há um ano o movimento dos *gilets jaunes*, em 2018, foi uma ilustração emblemática disso, não sem destacar, para além de um dito individualismo, o desenvolvimento de um “nós comunitário”. “Nós”, sublinhando, pelas revoltas ou sua abstenção, a implosão de “uma sociedade programada” por uma *sobre administração tecnocrata*. Sociedade programada por um poder que se projeta, cada vez mais, artificial e contestado.

Da antiga memória, vê-se ressurgir, regularmente, o que em Roma foi a *secessio plebis*. O povo não se reconhecendo mais no Senado, dirige-se ao Aventino.² Foi a secessão. Eu já indiquei que era assim que se poderia compreender o movimento dos *gilets jaunes* na França. Mas, a fim de ampliar o problema, reconheçamos que são muitos os países onde se pode constatar o desacordo profundo existente entre os políticos e a população.

E isso porque essa população não suporta mais a mentira própria do discurso oficial. Mentira mascarada atrás dos eternos lenga-lengas enfadonhos do politicamente correto. Mentira revestida do hábito moralista próprio daquilo que Hegel nomeia, justamente, de as ‘belas almas’. Mentira desses “experts”, jornalistas e políticos de todas as tendências, cujo denominador comum é o psitacismo. São, de fato, papagaios, repetindo ao longo do tempo, os mesmos lugares comuns de uma aflitiva e pretensiosa banalidade! Diafoirus³ está vivo.

Lembremos da fórmula de Platão, em *A República*: “é aos que governam a cidade, se realmente se pretende conceder esse poder a alguns, que cabe a possibilidade de mentir”. Mas o filósofo, bom conhecedor da vida real, estabelece uma distinção entre a “mentira de ignorância”, aceitável porque humana, e a “mentira da palavra”, que o mentiroso professa conscientemente.

É esta última que caracteriza a oligarquia atual! Basta, nessa perspectiva, lembrar que por essa via, o “people” tende a substituir o verdadeiro povo. E isso é a causa e efeito do conformismo lógico, fazendo de conta de que existe um “pensamento admissível”, aquele de poderes estabelecidos, totalmente estrangeiros à realidade da vida corrente. O que engendra uma cegueira da qual não há ainda medida de todos os efeitos.

Essa cegueira é a causa e o efeito de um *entre si* midiaticamente político, cujos efeitos não podem ser mais perversos. Cegueira que suscita um desprezo virulento diante de um povo em revolta. Povo cujas reações são qualificadas de uma maneira mais do que equivocada de “populistas”. O *entre si*, característica essencial dessa elite, é

² O autor faz menção ao Monte Aventino, uma das sete colinas sobre as quais a cidade de Roma se formou. N.T.

³ Alusão ao personagem Dr. Diafoirus, da peça **O doente Imaginário**, escrita por Molière em 1673.N.A.

a negação da ideia de representação sobre a qual, não esqueçamos, é fundado o ideal democrático moderno.

Mas tudo isso é risível. Tomando, *cum grano salis* a sentença de Bossuet⁴, podemos rir disso, porque “**Deus ri de homens que deploram os efeitos dos males cujas causas lhe são caras**”. São movimentos inevitáveis e a revolta da população é um deles. É preciso lembrar: nada detém uma ideia cujo tempo chegou!

Não é o **automatismo do entre si** que caracteriza as diversas e (muito) numerosas declarações públicas que propõe o poder político? Aquelas, à propósito da crise sanitária em curso, são particularmente esclarecedoras! Automatismo que é reencontrado, igualmente, nos jogos indecentes, quase pornográficos, nos quais esse poder se mostra, como num verdadeiro espetáculo. Para utilizar um termo de Platão, é um poder pleno de “teatrocracia”. Especificidade dos períodos de decadência. Momento em que a autêntica democracia, o poder do povo, está totalmente oculto.

Auto mimetismo do *entre si*, ou autorrepresentação, eis o que é a negação ou a recusa do processo de representação. Eis o que se chama de uma transfiguração do político. Não se representa mais ninguém, senão, à curto prazo, a si mesmo. Uma casta certamente isolada que em suas diversas modulações, políticas, jornalísticas, intelectuais e, sobretudo, idêntica a ela mesma e fiel ao seu ideal “vanguardista” que consiste, a verticalidade obriga, em pensar e agir por um suposto bem do povo.

Essa verticalidade orgulhosa se enraíza em um fantasma sempre e de novo atual: “**o povo ignora o que ele quer, somente o príncipe o sabe**”, conforme Hegel. O “Príncipe” pode se cobrir, em nossos dias, de uma *intelligentsia* que, de uma maneira pretensiosa, busca construir o bem comum em função de uma razão abstrata e um pouco totalitária, razão mórbida certamente estranha à vida corrente. É a “*sobre administração*” *tecnocrata*.

No oposto da pretensão ao saber absoluto desse racionalismo mórbido, racionalismo puramente instrumental, as revoltas contemporâneas não fazem mais do que exprimir, na maioria, a sabedoria popular, verdadeiro conservatório de “usos e costumes”. Sabedoria da tradição. Sabedoria da virtude, em seu sentido mais forte:

⁴ [nota do tradutor] Jacques-Bénigne Bossuet (1627 – 1704), bispo e teólogo francês que defendia a ideia de que o ato de governar era a expressão da vontade de Deus e que quaisquer manifestações contrárias ou rebeliões seriam criminosas.

“virtude”, servindo de cimento, ou seja, a autêntica ética (*ethos*), fundamental a todo convívio em sociedade.

Esses que têm o poder de fazer e dizer caluniam à vontade as violências, marcando as manifestações populares, sublinhando a saturação face a face do político, da política, dos políticos. Mas, a verdadeira “violência totalitária”, não é aquela de uma burocracia celeste⁵ que, de uma maneira abstrata, edita medidas econômicas, ordens sociais e outros encantamentos da mesma fonte, em uma série de “discursos aprendidos”, não sendo assim, presas à real sociabilidade cotidiana?

Aqueles mesmos que viam, falando dos *gilets jaunes*, um “desprezível pavonear a cada sábado”, podem compreender a música profunda, da obra na sabedoria popular? Certamente não. São, simplesmente, carpideiras presentindo confusamente, que um mundo se finda. São notáveis incapazes de compreender que o mundo que finda é o deles. E, no entanto, essa casta se extingue inexoravelmente. Extinção que é frequente nas histórias humanas.

Nesse sentido, escutemos a judiciosa observação de Chateaubriand: “A aristocracia possui três idades sucessivas: a idade das superioridades, a dos privilégios e a das vaidades. Saída da primeira, ela degenera na segunda e se finda na terceira.”

Não se poderia dizer melhor sobre a “bancarrotas das elites” contemporâneas: não estando mais ligada à realidade social da base, porque elas privilegiam seus **direitos** com o desprezo pelos seus **deveres**. O “todos corruptos” da conversação do *Café du Commerce* não fazendo mais que vituperar a ganância dessa elite sem herdeiros, preocupada, essencialmente, com postos atraentes, salários confortáveis, lugares adquiridos sobre os famosos ‘tabuleiros’ televisivos. Todas coisas, apelando ao que Vilfredo Pareto nomeava, justamente, a ‘circulação das elites’, tendo feito seu tempo.

O benefício das sublevações, das insurreições, das revoltas é o de lembrar, com força, que em certos momentos, o ultraje, o orgulho dos sábios não convencem mais. Por lá se manifesta a importância do que não é aparente. Manifestação do indizível e do invisível. O “**Rei clandestino**” (conforme Georg Simmel) dessa época reencontra, então, uma força e um vigor que não se pode mais negar.

Efervescência societal, burburinho (manifestações) ou em silêncio (abstenção) é uma maneira de dizer que é insuportável continuar a escutar esses “**bobos instruídos**”

⁵ [nota do tradutor] O autor refere-se ao termo “burocracia celeste”, que designa uma representação hierárquica das divindades religiosas chinesas.

tendo o monopólio legítimo da palavra oficial, reagem histericamente a uma palavra, à mínima atitude que ultrapasse seu conhecimento.

Maneira de lembrar, para retomar uma fórmula de Joseph de Maistre, “os homens que têm o direito de falar na França não são, em nada, [parte da] Nação”. Porque, o que é a Nação? Em seu sentido etimológico, *Natio*, é o que faz com que se nasça (*nascere*) em um grupo. Que partilham de uma alma comum, que existe em função – e graças a – um princípio espiritual. Coisas que escapam aos jacobinos dogmáticos que, em função de uma concepção abstrata do povo, não compreendem nada do que é um povo real, vivo, concreto. Quer dizer, um povo sabedor de que o lugar é um vínculo.

O lugar faz o vínculo. É esse localismo que é o coração pulsante, animando em profundidade os verdadeiros debates, fazendo objeto de reunião, pontuando as manifestações ou reagrupamentos que tiveram lugar, fazendo dos espaços públicos verdadeiros pontos de encontro. Mas que se reencontram, igualmente, em período de confinamento, nas sacadas. Lugares simbólicos por exemplo, na França, onde batem palmas juntos para celebrar a coragem de “cuidadores” expostos nesse momento de epidemia, às vezes muito por causa da imprevidência dos gestores do hospital. Na Itália, sacadas são espaços onde se entoam cantos patrióticos ou populares para reforçar a sensação de estar junto. No Brasil, são usadas para vaiar, com ajuda de panelas, um presidente desprezado.

Além da obsessão específica da política moderna, o projeto antigo fundado sobre uma filosofia da história, assegurada dela mesma, essas semelhanças e “celebrações” coletivas evidenciam o lugar que se partilha, sobre os costumes que nos são comuns.

É isso o localismo, uma espacialização do tempo no espaço. Ou ainda, deixando passar a metáfora científica, uma *einsteinização* do tempo. Estar juntos por estar, sem finalidade, nem função. Daí, a importância dos afetos, das emoções compartilhadas, de vibrações comuns. Em poucas palavras, o emocional.

Para retomar uma figura mitológica, “a sombra de Dionísio” se estende novamente sobre nossas sociedades. Entre os gregos, a orgia (*orgé*) designava a partilha de paixões, próximo do que se nomeia em nossos dias, sem saber muito bem o que está por trás dessa palavra: o emocional. Ele lembra uma energia irrefragável, de essência

um pouco mística, exprimindo que a solidariedade humana prima por todas as coisas e, em particular, a economia que é o alfa e o ômega da virtude moderna.

O emocional e a solidariedade de base estão lá para lembrar que o **gênio dos povos é, antes de tudo, espiritual**. É isso que, paradoxalmente, sublinha as revoltas ou sublevações em curso. E isso em todo o mundo. Uns e outros **atualizam** (ou seja, tornam presente) o que é **substancial** (ou eterno). O que está escondido no mais profundo das consciências. Que seja a consciência coletiva (Durkheim) ou o inconsciente coletivo (Jung). Eis o que o **progressismo nativo das elites** não quer ver. É por medo do “nós” coletivo que elas brandem o espectro do populismo.

Esse “espiritual” se exprime bem nessa observação de Gustave Le Bon, grande conhecedor da “psicologia das multidões”, certamente atual. “Passar da barbárie à civilização perseguindo um **sonho**, depois declinar e morrer desde que esse sonho tenha perdido a força, tal é o ciclo da vida de um povo”. Eu considero que as sublevações atuais traduzem o desejo, confuso, difuso certamente inconsciente, a procura, ou a regeneração desse sonho fundamental e estrutural.

Estamos, portanto, na “metapolítica” (Joseph de Maistre). Uma metapolítica orientada, como eu o indiquei, sobre os afetos compartilhados, sobre os instintos primários, sobre um *poder* estando além ou abaixo do *poder* e que, às vezes, retoma a superfície. E isso de uma maneira irresistível. Com um impulso um pouco errático, não sem inquietar aqueles que, entre os observadores sociais, permanecem atordoados pela filosofia das Luzes (século XVIII) ou pelas teorias de emancipação, de obediência socializante ou marxizante, próprios do século XIX e largamente corrente de uma maneira mais ou menos consciente entre todos os “instruídos” **de poderes e de saberes estabelecidos**.

Em sua época, contra a “violência totalitária” das burocracias políticas eu havia mostrado, invertendo as expressões de Durkheim que a **solidariedade mecânica** era a característica da modernidade e que a **solidariedade orgânica** era própria das sociedades primitivas. É essa que reinava em nossos dias, em múltiplas insurreições populares.

Solidariedades orgânicas que, além do individualismo, privilegiam o “nós” do organismo coletivo. Aquele da “tribo”, do **ideal comunitário** em gestação. Organicidade tradicional, não podendo mais que ofuscar o racionalismo do progressismo simples do qual se orgulham todos os políticos contemporâneos.

O fim de **UM** mundo, aquele da modernidade, permite acessar a um outro mundo. Mas para isso, é conveniente fazer um “trabalho de luto” conduzindo à acepção do que dele emerge. Em resumo, a Renascença induzida por e nas sublevações populares, difusas, essa verdadeira “renascença” só pode ser compreendida ao lembrar da antiga fórmula alquímica: “**ordo ab caos**”. Ao que podemos juntar: “**ordo ab origine**”. Sem seguir o curso da Tradição.

Sim, contra esse progressismo, tanto benéfico quanto destrutor, vê-se renascer os “instintos ancestrais” tendendo a privilegiar a progressividade da tradição. A filosofia progressiva é o **enraizamento dinâmico**. A tradição são as raízes do ontem, sempre portadoras de vitalidade. A autêntica inteligência “progressiva”, especificidade da sabedoria popular, é ela mesma, compreendendo que **o amanhã é um futuro oferecido pelo passado**.

É essa conjunção própria à tríade temporal (passado, presente, futuro) que para retomar os termos de Platão esses “observadores de fantoches” que são os políticos aturdidos pela “teatrocracia” são incapazes de compreender. A vaidade oca de seu saber tecnocrático faz com que as palavras que eles utilizam, os falsos debates e os verdadeiros espetáculos dos quais eles são atores oficiais, tornaram-se simples mecanismos linguísticos, ou mesmo os encantamentos que dissecam e regulamentam, mas que aparecem à grande maioria como se fossem diversões fúteis. As revoltas dos povos tentam sair da obscuridade de palavras vazias de sentido, de suas conchas ocas e ininteligíveis. Lembrando das formas elementares da solidariedade, o fenômeno multiforme das revoltas é uma tentativa de rearranjar o **mundo espiritual que é o estar junto**. E isso a partir de uma soberania popular não entendendo mais estar despossuída de seus direitos.

As rebeliões dos povos lembram que só o que se enraíza em uma tradição que, na longa duração serve de lençol freático à toda vida em sociedade. Essas revoltas atualizam o instinto ancestral da força instituinte que, de tempos em tempos, se recorda da bela lembrança do poder instituído.

Eis o que em seu sentido profundo, constitui o gênio do povo, gênio não sendo – sem esquecer – nada mais do que a expressão *gens*, de gente, quer dizer do que se assegura o *ethos* de toda vida coletiva. O estar junto que o individualismo moderno tinha acreditado superar e que ressurgiu em nossos dias com uma força inegável.

Mas eis que, no encontro do a-priorismo dos sábios, a-priorismo dogmático sendo o precursor de todos os totalitarismos, esse gênio se exprime desastrosamente, até mesmo de uma maneira incoerente em se deixar dominar por paixões violentas. A efervescência muitas vezes gagueja.

E como lembra Ernest Renan: “São as gagueiras de parte do povo que se tornaram a segunda bíblia do gênero humano”. Observação judiciosa, sublinhando que, ao contrário do racionalismo mórbido, do “espírito aprendido” dos instruídos, o bom senso bebe sempre da fonte de sua intuição. Essa é uma visão do interior. A intuição é um conhecimento imediato, sem saber o que fazer com os *media*. Quer dizer, sem saber o que fazer da mediação própria às interpretações de diversos observadores ou comentaristas sociais.

É essa visão do interior quem permite reconhecer o que é verdade, o que é bom **naquilo que é**. E quem de pronto, não faz mais acordos com o moralismo repousante na rígida lógica do “dever ser”.

É assim que o bom senso intuitivo compreende o real a partir da experiência, a partir do corpo social, que por isso, não é mais uma simples metáfora, mas uma inevitável evidência. E além desses lugares comuns da virtude, a simpatia ou empatia espirituais voltam a ser o elemento essencial de toda vida em sociedade.

Essa força societal não é possível sem uma certa rudeza. Mas, não é assim toda vez que uma mudança profunda acontece? É deixando de escutar todas as “belas almas” cantando de galo na mídia, se insurgir em coro, coro de virgens amedrontadas, contra a violência, injustificável evidentemente, dessas manifestações.

Esqueceram-se o que, por diversas vezes, não deixou de ser salientado por Michel Bakunin: “a volúpia da destruição é, ao mesmo tempo, uma volúpia criadora.”

Porque, ao contrário de uma realidade um pouco raquítica, o oposto de um “princípio de realidade” essencialmente economicista, cujo “poder de compra” é o alfa e o ômega, o ponto nodal das sublevações populares é estruturalmente, uma “busca do Graal” perpétua, ou seja, **uma busca espiritual**.

Pode parecer um pouco paradoxal. Fazer referência à inteligência do coração *Horresco referens!* Como é possível quando concebemos a inteligência apenas sob a forma racionalista. Assim como eu havia nomeado em minha crítica do “mito do progresso” (*A violência totalitária*, 1979), **a casta** tecnocrata, sob suas modulações intelectuais (diz-se agora, “experts”), políticos, jornalistas, essa **casta** então, é incapaz

de compreender que o gênio do povo se exprime melhor em sua inquietação espiritual do que em preocupações políticas.

Simplesmente porque essa casta, em seu racionalismo mórbido, dizendo-se **democrática**, é nada menos que demófila. Os intermináveis encantamentos sobre os valores republicanos e seus fundamentos democráticos, escondendo mal o seu “vanguardismo” nativo. Para a casta o povo é tolo, é preciso educá-lo e conduzi-lo!

Essa pseudo intelligentsia não pode estar mais desfasada, em sua ideologia progressista não é capaz de compreender a atmosfera mental da época. O que o filósofo Ortega y Gasset nomeava em seu livro premonitório *A Revolta das massas*, “o imperativo atmosférico” do momento. É porque ela não sabe se adaptar às mudanças de clima espiritual que a casta sofrerá o destino que foi, no seu tempo, o dos dinossauros: perecer.

A modernidade apodrecida está em agonia. Seus representantes caducos não podem, nem mesmo considerar que toda mudança, porque é disso que se trata, comporta uma dose de mistério.

Nessa mutação e, contra os diversos “saberes” que arrogam o monopólio da palavra pública, se exprime o que na tradição tomista, Joseph de Maistre nomeava o “**direito divino do povo**”. Soberania do poder natural que, regularmente, se lembra as boas recordações dos poderes estabelecidos. Aqueles que não sendo mais do que delegados e devendo prestar contas ao povo que é seu legítimo detentor. Assim recorda o antigo adágio: *Omnis autoritas a populo*.

É essa autoridade que retoma força e vigor. Ela lembra que, como uma verdadeira realeza, a opinião é rainha de um mundo. O povo retoma a palavra contra aqueles que, com arrogância, presunção e discórdia que se sabe foi monopolizada. Os diversos comentaristas falam com escrúpulos, para não dizer nada. E começam a perceber isso. Escrúpulo de discursos tecnocráticos da **Casta** no poder. Ela tem um escrúpulo meramente oratório da política. Ela fala pelos atos! Para ela o discurso é ação.

Essas são menos respostas bem formatadas que as esperadas, do que a capacidade de saber fazer perguntas. O que as manifestações significam é que não é mais aceitável **um mundo sem perguntas e cheio de respostas**. Simplesmente porque é a partir do fugidio, o que está por vir, daquilo que é questionável é que se pode compreender o perceptível. Aquele da vida Real.

Não esqueçamos. É quando não se sabe dizer, justamente, o que é, é quando o moralismo, o que “deveria ser” toma o controle, que o povo faz secessão.

O desafio não é insignificante. É preciso encontrar as palavras, as menos falsas possíveis, para dizer a “volúpia criadora” que, mais ou menos desajeitadamente, está em gestação em nossa pós modernidade emergente. Os lugares comuns e diversas virtudes são mais suficientes, é preciso ter a audácia e a coragem de um pensamento em profundidade. Lá, ainda, a inteireza do ser, a coragem não é, muitas vezes, **o coração e a raiva?**⁶

A tecnocracia política é incapaz de compreender a emergência de uma “era de nós”. “Nós” de modo a criar um mundo harmonioso, à partir do mundo tal como ele é, e não mais a partir do que as teorias abstratas teriam amado que fosse. Além daqueles que, com uma mentalidade professoral, continuam ensinando o dever; daqueles que estão fechados nos limites estreitos de um saber aprendido nas grandes universidades, além dos lugares comuns dogmáticos, a revolta cresce e continuará a crescer.

É nas plataformas libertárias que é preciso procurar o reavivamento da vida. É na ousadia de vias que estão nela proposta que se elabora em seu sentido profundo uma nova ética. “*Ethos*” sendo simplesmente o cimento que conforta a vida de toda sociedade. Esse cimento que consiste em confortar corações e mentes em um estar juntos ou o que é primordial, **estar com**. Realização efetiva de um centro de união, preocupação essencial de uma dinâmica societal digna desse nome.

Eis o que não se ousa dizer. O clima é efervescente. As diversas sublevações, em toda parte do mundo são a expressão disso da maneira a mais eloquente. Trata-se de um “imperativo atmosférico” do qual ninguém estará ileso. E ainda mais, é preciso saber acompanhá-lo, saber dizê-lo e o precisamente possível, não se enfureça numa forma perversa, insustentável e sedenta de sangue!

Uma mudança profunda, uma crise civilizatória está sendo operada nas redes sociais, os fóruns de discussão, os sites e outras plataformas de *ativismo on line*. É lá que é preciso seguir a gestação em curso da sociedade emergente. É essa imprensa alternativa que possibilita as trocas, compartilhamentos, entre ajudas, sendo feito desses pontos de encontro um verdadeiro **Aventino pos-moderno**.

⁶ [nota do autor] Or. “[...] le courage n’est-il pas, tout à la fois, « le coeur et la rage ? ». O autor faz uma junção entre duas palavras para (re) definir a palavra coragem a partir de sua sonoridade: *coeur* (coração) e *rage* (raiva).

Estamos longe da competência do discurso oficial da casta cujo inquilino do Eliseu é perfeito representante. Competência à qual implicaria bem esse comentário de Jean Jacques Rousseau: “Que estilo! Como é elegante! Quantas exclamações! Que acabamento! Que ênfase para não dizer nada além de coisas comuns! Que grandes palavras para pensamentos pequenos! Raramente com sentido, da justeza; jamais nem fineza, nem força, nem profundidade. Uma dicção sempre nas nuvens, e pensamentos que sempre rastejam.”

Tudo está dito.

RECEBIDO EM: 01/09/2020

PARECER DADO EM: 05/10/2020



www.revistafenix.pro.br